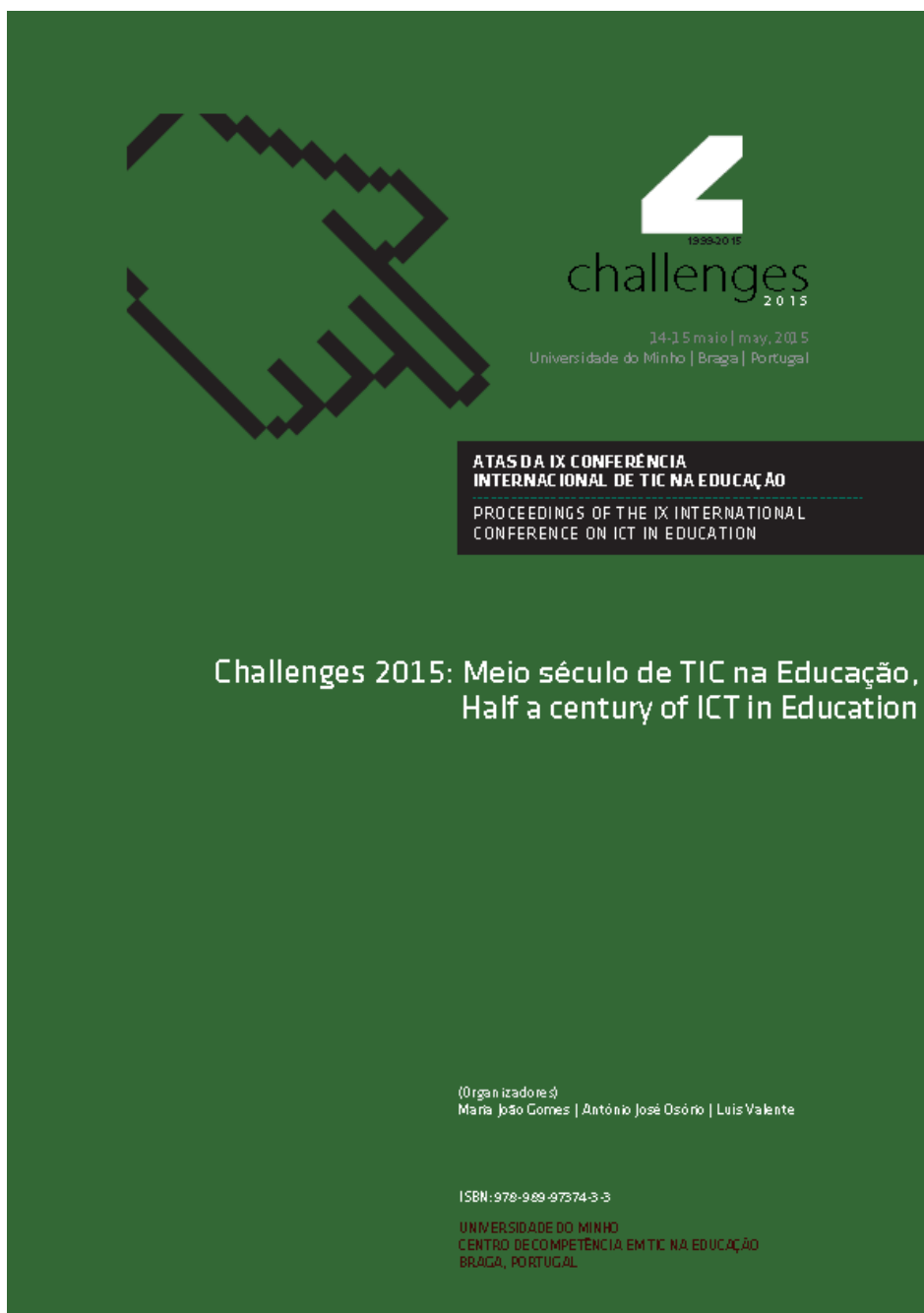


Souza, Karine Pinheiro & Silva, Bento Duarte (2015).
Construindo olhares conceituais sobre coentpreender na
sociedade em rede. In: Gomes, M. J., Osório, A. J. & Valente,
L. (orgs.), *Atas da IX Conferência Internacional TIC na
Educação, Challenges 2015 - Meio Século de TIC na Educação*.
Braga: Centro de Competência em TIC na Educação, pp. 1348-
1366.
ISBN: ISBN: 978-989-97374-3-3



CONSTRUINDO OLHARES CONCEITUAIS SOBRE O COEMPREENDER NA SOCIEDADE EM REDE

Karine Pinheiro de Souza

Bento Duarte da Silva

Universidade do Minho, Portugal

Resumo: Apresentamos o estudo decorrente do processo de investigação-ação, em que se fomenta uma nova abordagem de atuar em Rede com as TIC, as quais são mobilizadoras de práticas sociais que podem promover um novo olhar educativo na interação entre empreendedorismo e as tecnologias. Para além do acesso, da formação e do conteúdo, consideramos um trabalho integrador em que a literacia digital, o pensamento crítico e a colaboração se destacaram durante o projeto de formação, resultando no processo de construção colaborativa que passamos a designar de competências necessárias para Coempreender. Nesta investigação-ação, educadores e alunos repensaram sua forma de empreender em Rede, atuaram como coaprendizes e coinvestigadores avaliaram os processos formativos desenvolvidos e as novas estratégias para promover a aprendizagem dos nativos digitais.

Palavras-Chave: *Empreendedorismo com TIC; Coempreender; Educação em Rede*

Abstract: The research resulting from the action research process, in which advocates a new approach to acting Network with ICT, which are mobilizing social practices that can promote a new educational look at the interaction between entrepreneurship and technology. In addition to access, training and content, we consider an integrative work that digital literacy, critical thinking and collaboration stood out during the training project, resulting in the collaborative construction process hereafter referred competence required to Coentrepreneur. In this action research, educators and students rethought their way to entrepreneur Network, acted as colearn and coinquiry and evaluated the developed training processes and new strategies to promote the learning of digital natives.

Keywords: *Entrepreneurship ICT, Coentrepreneur, Network Education*

Introdução

Vivemos em tempo diferentes, numa ecologia comunicativa com marcas na “conectividade, mobilidade e ubiquidade” (Santaella, 2010). O fato de estarmos a entrar num tempo que decorre em “espaços hiperconectados, espaços de hiperlugares, múltiplos espaços em um mesmo espaço, que desafiam os sentidos da localização, permanência e duração” (idem, p. 18) constitui um desafio para educação, para as formas de ensinar e aprender. Zygmunt Bauman, na busca de procurar compreender a situação educativa da sociedade *líquida*, considera que no passado a

educação assumiu muitas formas e demonstrou ser capaz de adaptar-se à mudança das circunstâncias, de definir novos objetivos e elaborar novas estratégias, porém considera que a mudança atual não é igual as que se verificaram no passado (Bauman, 2011, p. 125).

As ideias deste sociólogo fazem-nos refletir sobre os desafios que a modernidade *líquida* coloca à educação, mas não aponta pistas pois vive-se na “síndrome da impaciência”, “toda demora, dilación o espera se há transformado en un estigma de inferioridad” (Bauman, 2007, p. 22), e a Educação, que foi pensada para um “mundo sólido”, “tenía valor en la medida en que ofreciera conocimiento de valor duradero” (p. 26), não tem conseguido organizar-se para esta nova modernidade. As suas ideias refletem em torno desta nova conceptualização do significado do “tempo” que, de fato, traz um tempo difícil para a educação.

A referência à passagem “Ainda é preciso aprender a arte de viver num mundo saturado de informações” (Bauman, 2011, p. 125), como um dos principais desafios colocados à educação, remete-nos para a perspectiva de Pierre Lévy, em *Cibercultura*, sobre o “segundo dilúvio” (Lévy, 2000 a). Esta “imagem”, recurso estilístico usado por Pierre Lévy, permite-nos refletir sobre dois aspectos: um, sobre a relação entre informação e conhecimento, e outro sobre a formação de comunidades virtuais da aprendizagem, cenário inovador apropriado ao ambiente criado pela Web.

Entendemos que a abundância informativa não é um problema para a Educação, mas sim oportunidade para uma melhor aprendizagem. Contudo, não basta ter acesso à informação, é necessário possuir um conjunto de competências para a transformar em conhecimento mobilizável de entre as quais se destacam, de acordo com Bartolomé (2005): a *procura* (competência que se adquire através de uma prática continuada e reflexiva, melhorada através de autocrítica continua); a *valorização* (implica a posse de critérios de valor e a habilidade para saber aplicar o pensamento divergente); a *seleção* (uma vez valorizada a informação, implica tomar decisões); a *estruturação* (tratar a informação nova num todo coerente); a *incorporação* (integrar a informação no conhecimento existente, implica o ato de compreensão, devendo evitar-se a memorização como base para uma reprodução de um modo mimético e acrítico). Também Valente (2013) diferencia informação de conhecimento, “ter informação não implica ter conhecimento. O *conhecimento* é o que cada indivíduo constrói como produto do processamento, da inter-relação entre interpretar e compreender a informação. É o significado que é atribuído e representado na mente de cada

indivíduo, com base nas informações advindas do meio em que ele vive, formado por pessoas e objetos” (Valente, 2013, p. 27). E esclarece, ainda, que em alguns casos, é possível que o aluno possa construir o conhecimento de forma autónoma, fruto da sua própria reflexão, porém, em outros casos, por mais que se esforce, não consegue fazê-lo sozinho, sendo necessário o “auxílio de pessoas mais experientes – o professor ou educadores – que possam exercer o papel de agentes que promovam a construção do conhecimento” (idem, p. 27).

Nesse sentido, para compreender as competências necessárias nesse mundo líquido, o presente texto tem o objetivo de refletir sobre uma nova abordagem de atuar em Rede, em que as TIC são mobilizadoras de práticas sociais que podem promover um novo olhar educativo para a integração do empreendedorismo e das tecnologias, para além do acesso, da formação e do conteúdo. Trata-se de um trabalho integrador em que a literacia digital se destaca como um dos eixos do projeto de formação, sendo possível construir colaborativamente as competências necessárias para Coentender, em que educadores e alunos repensaram a sua forma de empreender em Rede e, conseqüentemente, avaliaram os processos formativos desenvolvidos, com novas estratégias para promover a aprendizagem dos nativos digitais.

Metodologia

A presente investigação-ação foi fundamentalmente qualitativa, em que foi aplicado e investigado o Projeto “Agentes Digitais”, na busca de compreender como a educação empreendedora e as TIC poderiam se unir. Desta forma, a investigação foi desenvolvida em duas etapas, a primeira no Brasil e a segunda em Portugal, mas seguindo as 4 fases do ciclo da metodologia investigação-ação: planejamento, ação, observação e reflexão (figura 1). Os projetos, em cada uma das etapas (Brasil, Portugal), foram similares, mas com algumas diferenças respeitando as adaptações necessárias ao contexto. Durante o estudo os jovens trabalharam com TIC numa ação transdisciplinar para a Educação Empreendedora, num design metodológico que envolveu o jovem como agente de transformação social ao desenvolver projetos a partir da análise das condições das suas localidades/comunidades para o global.

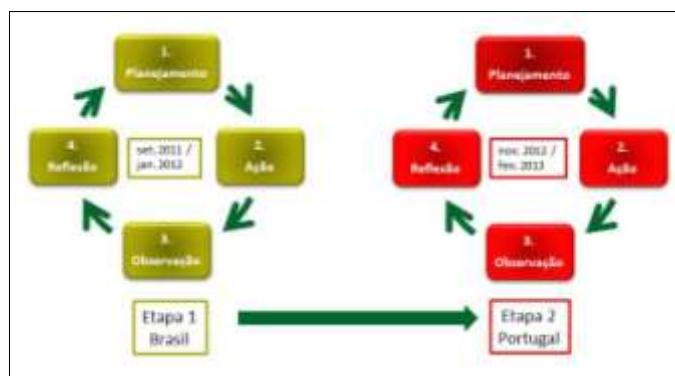


Figura 1 – Adaptação das fases da Investigação-ação aos ciclos do Projeto (Brasil e Portugal).

O material de análise desta comunicação é um recorte da etapa final do estudo, em que foi possível sistematizar esse processo desenvolvido no Brasil e em Portugal, integrando os coaprendizes, que passaram a ser vistos como coinvestigadores, em que puderam juntos discutir no ambiente WeSPOT (Plataforma ELGG), utilizando várias ferramentas de interação, com destaque para um fórum de debates que gerou dados significativos. Diante desse amplo debate entre os coinvestigadores, com a participação de 13 pessoas, foram geradas 49 postagens, com um número total de 9.189 palavras. Na finalização desse processo foi desenvolvida uma Webconferência (comunicação síncrona) para discussão das competências para Coempreender, com a participação de 10 participantes do fórum e 3 pareceristas externos que foram convidados para conhecer e avaliar o projeto, numa ação colaborativa de avaliação dos processos e conceitos, conforme tabela a seguir.

3ª etapa – Brasil Portugal Reflexão Conjunta - Coempreender
<p>Processo de coinvestigação envolvendo alunos e professores do projeto, realizado no Brasil e em Portugal, no intuito de validar os conceitos apresentados durante a investigação.</p> <p>Uso de ambiente colaborativo – WeSPOT – apoio Open University (fevereiro/março/2014).</p> <p>Acompanhamento do Fórum</p> <p>Videoconferência – (22 março 2014) Alunos e Professores Brasil/Portugal e pareceristas externos.</p> <p>Uso do Flash Meeting (FM).</p> <p>Análise e triangulação dos dados da investigação-ação.</p>

Para o tratamento dos dados foi desenvolvida uma análise categorial, técnica que vai além da mera análise descritiva do corpus, pois pretendeu-se chegar a uma análise de significantes e significados (Bardin, 2014), pela interação com o discurso dos sujeitos da pesquisa para compreender as suas representações, que se fortalece nos estudos da análise de conteúdo. Esta foi apoiada com uso do programa NVivo (versão 10), aproveitando as vantagens da ferramenta, mas, como alerta Bardin (2014, p. 173), o

computador não faz tudo, foram necessárias operações prévias de organização do material verbal, além do cuidado com as regras de codificação.

As categorias dessa etapa foram emergenciais, observando o tema, também designada por Esteves (2006) como unidade semântica, para nos clarificar as representações de sentido sobre o Coempreender, em que os sujeitos se tornaram coinvestigadores. Este processo de comunicação colaborativo permitiu-nos perceber a importância do empreender em rede, sendo possível estruturar olhares conceituais sobre o Coempreender.

Resultados e Discussão

Durante o processo de análise repensamos as TIC como elemento de transformação (Costa et al, 2012), passando a compreender as sinergias de conceitos entre as tecnologias e o empreender. Neste sentido, quando Lévy (2000b) nos fala do semear o futuro com as TIC, identificamos que estamos a empreender, ao lermos os conceitos de virtualidade, porque:

contém por todo lado sementes de futuro, possibilidades inexploradas, formas por nascer que a nossa atenção, os nossos pensamentos, as nossas percepções, os nossos actos e as nossas invenções não param de atualizar (Lévy, 2000b, p.151).

Essas sementes, diante da reflexão teórica e dos dados da investigação empírica desenvolvida com o Projeto “Agentes Digitais”, levam-nos a pensar que o mundo virtual é aquele disparador de possibilidades inexploradas.

Conforme clarificamos na metodologia de investigação, foi possível desenvolver uma reflexão conjunta, na última fase da Investigação-Ação, a qual gerou o aprimoramento da proposta. Sinalizamos esta fase como uma nova abordagem metodológica, que foi desencadeada num processo de idealização e de uma reflexão contínua sobre as competências para Coempreender. As categorias para este estudo foram inflamadas durante o processo de comunicação, nos gestos de partilha, colaboração e cooperação.

Assim, num movimento de espiral contínuo, coaprendizes e coinvestigadores estiveram juntos no Fórum do WeSPOT. Durante o processo de discussão, uma das técnicas utilizadas para entender as ideias partilhadas foi a concretização de um mapa conceitual, em que foi possível evidenciar a fala dos participantes, conforme figura 2.

Ao analisarmos as ideias do mapa conflagramos com o arcabouço teórico no âmbito do Empreender com as TIC, levando-nos a repensar uma nova abordagem metodológica com o desenvolvimento das multiliteracias (Cope e Kalantzis, 2009), aos projetos sociais (Drayton, 2006), com o despertar do sonho (Dolabela, 2003) e da utopia (Freire, 2001) para promover a cooperação (Singer, 2008), das TIC como elemento de transformação (Costa et al, 2013) com o cunho colaborativo (Senges, Brown e Rheingold, 2008), reflexivo e participativo (Prensky, 2010). Essa nova abordagem acontece por meio da Rede, com o conectivismo (Siemens, 2006), com o desenvolvimento de espaços ideias (Ogle, 2009) e da inovação (Sarkar, 2014) que impactam em novos setores para a criação de espaços criativos (Landry, 2005). Isto tudo gera uma mudança, uma nova ecologia comunicativa (Silva, 2005; 2014) e uma nova compreensão das TIC como práticas sociais (Souza, Silva & Moura, 2013) que impactam no desenvolvimento de novas competências para Coempreender (Souza, Silva & Okada, 2014).

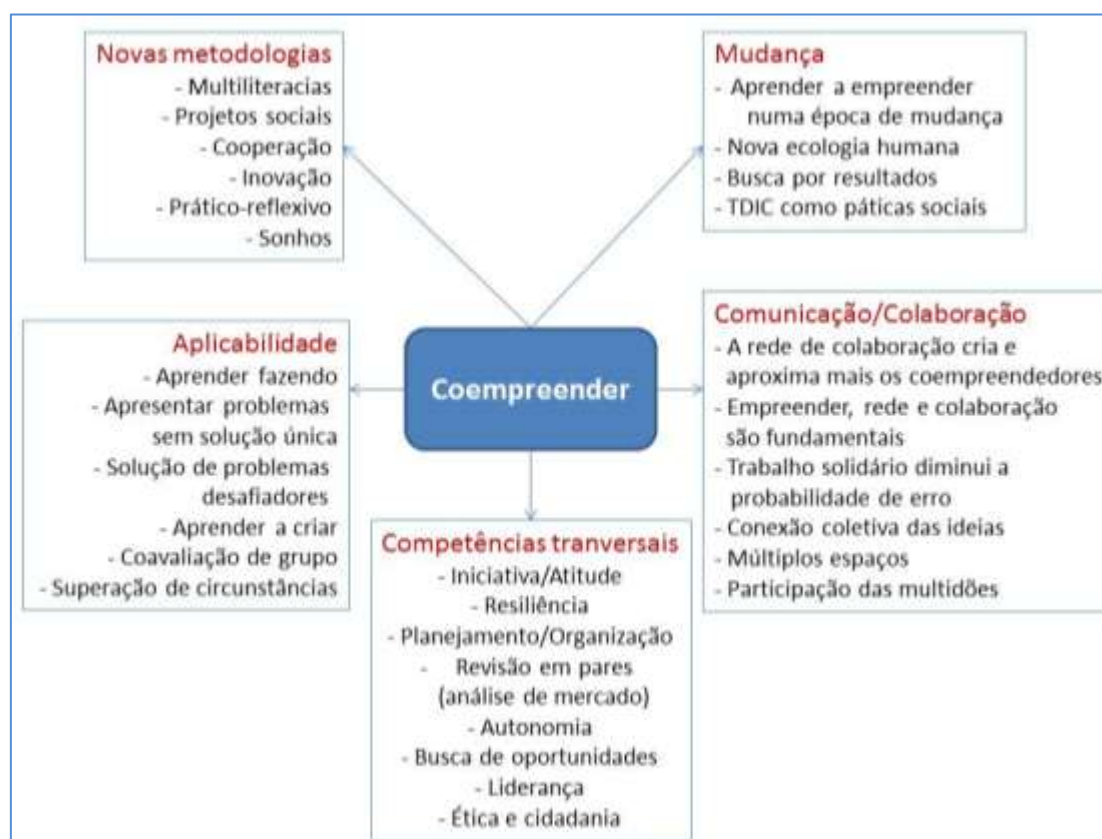


Figura 2 - Mapa conceitual do Coempreender (WeSPOT)

Estes conceitos podem também ser representados pela nuvem de palavras que foi partilhada durante a Webconferência, na qual emergiram algumas competências que

são essenciais para Coemprender, onde se destacam: cooperação, colaboração, acrescentar valor, ser ativo, atrever-se, partilhar, concretizar ideias, pensar e agir com o outro, somar, sonho em ação, concretizar ideias, desafiar, buscar algo, criar, inovar, praticidade, dialogicidade, coaprender, partilhar projetos, novas formas de aprender em rede, poder da soma das ideias na rede, vincular a teoria e a prática, criar oportunidade na sociedade (figura 3).

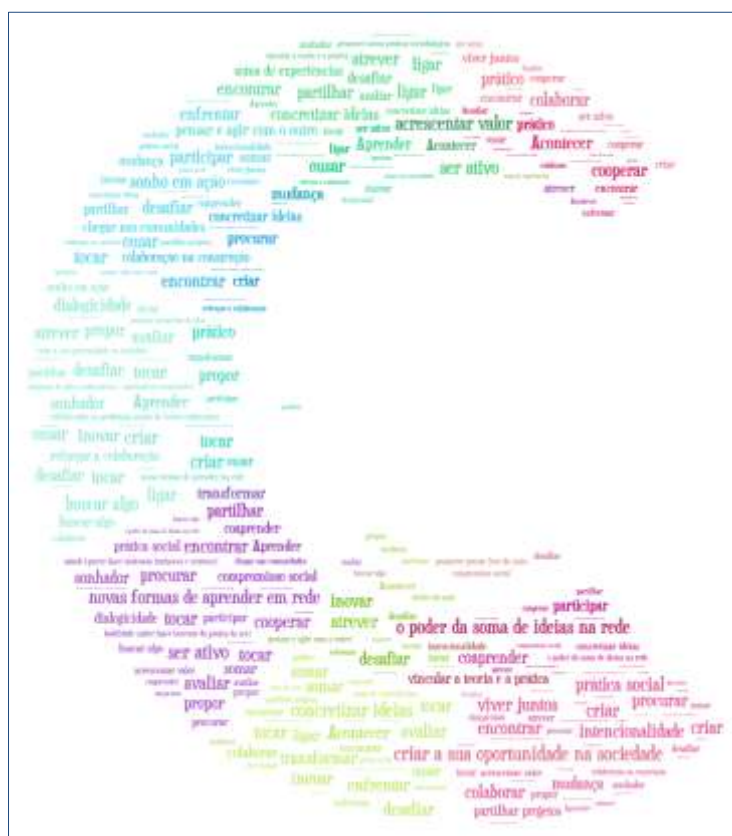


Figura 3 - Nuvem de palavras partilhada com os dados recolhidos durante a Webconferência

A ampliação dos conceitos sobre as TIC e a educação empreendedora foi fundamental, tanto no fórum como na Webconferência, já que o processo de Coinvestigação (Okada, 2013) permitiu a construção de significados e também a investigação colaborativa e social em rede. Em ambos, foi possível repensar o que pode acontecer nesse novo contexto cultural e social, ou seja, se ao mobilizarmos novas práticas com as TIC é possível empreender. Esta reflexão, por sua vez, remeteu-nos para a matriz consolidada das Competências para Coemprender (figura 2) – que partiu de uma meta-análise das competências chave para o século XXI (Okada et al, 2014) – conflagrando-se o Projeto “Agentes Digitais” com um indicador de forte readequação, um Recurso Educacional Aberto – REA, que poderá gerar

Com estes dados, foi desenvolvida uma análise de conteúdo com base nos excertos dos participantes (que designamos de *Coinvestigadores – Coinvest*) e formulamos uma síntese das categorias evidenciadas, conforme quadro 1.

Quadro 1 - Sistematização das categorias emergentes para o Coempreender

Categorias	Indicadores
Ação Empreendedora com as TIC	Imaginação, sonho, cooperação, colaboração, atitude, desafio; Novos processos na escola, comunidade, sociedade digital; A importância de educar para o Empreendedorismo, papel do aluno, professor, transparência, ética.
Jovens & TIC	Competências e impactos.
Projeto	Empreendedorismo social, comunidade, criatividade e inovação.
Rede	Agir na e com a rede; local, global (Glocal); Colaboração nas Multidões.

Ao descrever estas categorias emergentes seguiremos o processo de análise e sistematização dos dados, ilustrando com alguns excertos para fundamentar cada categoria e, consequentemente, a abordagem metodológica para Coempreender.

A *ação empreendedora* chega como uma oportunidade que se pode desenvolver de forma criativa, inovadora e cidadã, numa perspectiva que envolve as TIC e práticas sociais em rede. Entende-se, assim, como os desafios que os jovens precisam de enfrentar para imaginar, pesquisar, colaborar, construir projetos significativos na rede.

Com o desenvolvimento desta nossa investigação, constamos que ainda existe uma grande lacuna sobre como promover o desenvolvimento de novas competências empreendedoras com as TIC, de forma a mobilizar os jovens para promoverem a cooperação, pelo desenvolvimento da imaginação, do sonho e da criatividade. Procuramos consolidar este ideário para a ação empreendedora ao aplicar o projeto “Agentes Digitais”, mesmo que em forma de protótipo (no Brasil, em Fortaleza, e em Portugal, em Braga), pois foi possível projetar uma abordagem metodológica que conjugasse os eixos Empreendedorismo & TIC.

Ao sonhar (Freire, 2001; Dolabela, 2003), ao identificar oportunidades e promover o desenvolvimento do imaginário (Senges, 2007), somente é possível a transformação se houver a necessidade e vontade de superar e vencer obstáculos. Esta passagem do abstrato para o concreto é uma linha da ação empreendedora. Constamos isso

mesmo nos jovens que participaram no projeto (*Coaprendizes*), pois comunicaram, colaboraram, desenvolveram o pensamento crítico e a literacia digital, tendo havido mudanças significativas nas suas vidas.

Exemplificaremos algumas dessas mudanças em quatro jovens (*Coaprendizes*) que acompanhamos após o termo do projeto, debruçando-nos sobre as suas histórias de vida.

Apesar do mundo de incertezas e das ansiedades em cada uma das falas dos jovens, com a repetição da palavra emprego, podemos dizer que eles foram provocadores do futuro e geradores de ideias.

Isto coloca os educadores diante de um novo paradigma de educação, como podemos ver nas atividades de superação e idealização dos jovens, que foram acompanhados após o projeto. Esse processo de acompanhamento gerou o desafio de cooperarmos e colaborarmos em rede, conforme podemos ver no excerto a seguir:

Como educadores somos a perigosa e salvadora imagem do sonho e o nosso dever e desafio é aprender a cooperar e colaborar nessa rede. Obrigada, por compartilhar suas experiências, segue link em que continuaremos compartilhar ideias sobre o empreender em Rede. (Coinvest01 – Recorte Fórum WeSPOT)

O depoimento ressalta o processo de colaboração, e a importância dos educadores, pois são também instrumentos de mudança, para o bem ou para o mal. Reporta-nos a dignidade na condução do estudo e esclarece a força transformadora que uma atividade pode trazer. O facto de, como investigadora do projeto, partilharmos sonhos, colocou-nos próximos do mais íntimo dos desejos dos alunos e tivemos uma responsabilidade muito grande em agir com ética para que a proposta do curso/projeto os indagasse sobre o seu papel na sociedade. Que fossem agentes de transformação no desafio de colocar as TIC como disparador desse contexto, numa abordagem educativa em que os jovens se atreveram a pesquisar, a analisar a comunidade local e a promover soluções, concretizando, assim, as suas ideias (os seus sonhos): criaram, partilharam e colaboraram na realização dos seus projetos empreendedores envolvendo as tecnologias digitais (Souza e Silva, 2013).

O conhecimento do cenário que envolvia os jovens no desenvolvimento os projetos ajudou-nos a compreender as práticas desenvolvidas pelos jovens do Brasil e de Portugal. E, pela realização das ações de pesquisa, planeamento, criação e avaliação do projeto, consolidamos uma nova prática educacional, como é justificado nos depoimentos da seguir:

Suas palavras nos permitem olhar fora da caixa, ao refletir sobre os conceitos, suas práticas, visões políticas, o que nos coloca em desafio - estamos numa nova era em que tudo está conectado, independente do tempo e da distância. (Coinvest01 – Recorte Fórum WeSPOT)

As trocas de experiências, discussões e partilhas entre professores e alunos de diferentes países dão uma nova dimensão ao ato educativo (Coinvest03 – Recorte Fórum Wespot)

Ficamos a compreender, com mais profundidade, as críticas quanto à raiz neoliberal do empreendedorismo, e possível contaminação à educação empreendedora, como faz notar Lima (2012) em seu estudo justamente intitulado “Aprender a Ganhar, Conhecer para Competir”, mas neste estudo foi possível constatar que existe a necessidade de pensarmos novas abordagem para empreender em rede, conforme o excerto, a seguir:

solidariedade, muitas vezes vista como a antítese da ação empreendedora, surge aqui naturalmente, comprovando-se que a mesma pode ser uma peça (problema) quando estamos a falar de empreender (...) por isso a necessidade de novas abordagens. (Recorte WeSPOT, Coinvest09)

A relevância desta metodologia surge quando nos deparamos com depoimentos de os alunos que passaram a refletir sobre o papel da tecnologia, que aprenderam a pesquisar novas ideias, a comparar com as necessidade do mercado, identificar tendências, tudo isso com os recursos tecnológicos que os ajudaram a tomar decisões e criar novos aplicativos. Também no processo reflexivo, na etapa final da metodologia do estudo, em que juntos, educadores e jovens, passaram a coinvestigar (Okada, 2013). Juntos, professores, educadores, avaliadores, puderam praticar a escrita colaborativa – *Collobowriting*, como valoriza Senges (2007) para as estratégias empreendedoras – tanto no fórum, como na Webconferência, ação que fez emergir o entendimento sobre as Competências para Coempreender, conforme os excertos a seguir:

eu pessoalmente, para a realização do projeto tive que desenvolver competências que até então não eram muito familiares, competências como: criatividade, espírito de equipa, capacidade de adaptação perante um ambiente desconhecido e principalmente melhorar o sentido de responsabilidade e autonomia que no mundo de trabalho são essenciais.(Coap02PT – Recorte Fórum Wespot)

Eu sei que desempregado, parado eu não fico, pois depois do Projeto Agentes eu me dediquei ao curso de técnico em informática (integrado), meu curso foi na área de programação, eu também me desenvolvi muito bem na parte de suporte. Tanto que hoje eu estou trabalhando na parte de suporte, mas eu não pretendo ficar estagnado nessa área. Eu estou estudando seguindo na área de desenvolvimento até para aperfeiçoar nessa área, eu quero entrar na universidade pública ou mesmo numa particular. Para agregar mais conhecimentos (Coap14BR – entrevista coletiva BR).

O ciclo das competências estudadas agregou os conceitos das TIC e empreendedorismo, no sentido de planejar, elaborar, utilizar, partilhar, interagir, inovar e refletir e estiveram presentes em cada uma das atividades do projeto “Agentes Digitais”. Salientamos que as competências mobilizadas/desenvolvidas nos jovens, somente foram possíveis devido à sinergia de conceitos entre a prática desenvolvida, o conhecimento e a abertura metodológica que tivemos junto dos educadores parceiros e puderam inovar as suas práticas pedagógicas.

Neste sentido os próprios educadores/docentes têm de estar conscientes que necessitam de investir tempo em novas metodologias de ensino-aprendizagem que possibilitem e promovam (ao mesmo tempo que as competências técnicas estão a ser desenvolvidas) competências mais transversais (empreendedoras). (Recorte Fórum Wespot - Coinvest03)

Assim, a prática enfatiza uma transformação pedagógica e requer, além do domínio dos conteúdos curriculares, um compromisso na formação contínua, para que atrelem as tecnologias como um recurso transformador e como extensão da capacidade intelectual dos aprendizes.

A Rede

A rede foi a grande responsável pela elaboração do entendimento sobre o Coempreender, pois o processo de partilha (revisão analítica colaborativa – *peer review* em parceria) no fórum WeSPOT promoveu uma ressignificação dos conceitos, para que pudéssemos perceber como a abordagem metodológica dialoga com autores de diferentes áreas e como uma prática pode ser instituída. Ou seja, a agregação do conhecimento (Siemens, 2006) somente foi possível pela constante utilização do Fórum de debates (Wespot), como também as outras interfaces em Rede, tais como AVA, Redes Sociais (facebook), Blogues, Wikis, Docs, QRcode.

as relações que cada um estabelece com os outros, construindo o sentimento do "nós". Na Sociedade Digital (cibercultura) muitas dessas relações passam, e são reforçadas, por meio das tecnologias que configuram a galáxia internet. As relações offline e online complementam-se. Por isso, a Comunidade não tem só uma dimensão geográfica local (o nosso bairro), mas passou a incorporar outras geografias, de interesses, desejos, emoções. Ganhou uma geografia variável, de múltiplos espaços.(Coinvest06 – Recorte Fórum Wespot)

Neste sentido, a rede cooperativa, pode assumir maior relevância pelo apoio e encontro de soluções mais abrangentes, que não seriam ponderadas se fossem pensadas de forma única ou unívoca. O trabalho em equipa para um fim comum é relevante, mas a cooperação é ainda mais relevante porque o fim não precisa de ser o mesmo, o fim pode ser individual, mas o contributo pode ser de uma rede infindável (Coinvest09 – Recorte Fórum Wespot).

Outro aspecto a ser destacado foi o próprio trabalho em rede, pois, conforme os depoimentos do coinvestigador01PT, durante a formação “ocorreram troca de experiências, discussões, partilhas que deram uma nova dimensão ao ato educativo”, que se ancora nos estudos de Dias e Osório (2011) ao considerarem que as redes de conhecimento impulsionam a aprendizagem colaborativa, o exercício da autoria e novas comunidades de interesse.

São exemplos algumas comunidades surgidas no projeto, como os grupos “Agentes Digitais” em que os alunos estiveram em constante interação, partilhando ideias, links, projetos e, no caso, até geradoras de outros projetos, como a rede “The Face Site”, na qual foi criada uma nova comunidade de interesse para o projeto de construção de sites para a comunidade, que continuou a atuar depois da formação, conseguindo impactar na sua comunidade, na construção de logomarcas e sites para entidades que nem sabiam das possibilidades e oportunidades que teriam ao colocar as suas ideias na rede.

No Ceará (BR), de 2011/2012, tivemos 100 jovens formados que gerou uma formação básica em que um grupo promoveu a gestão de ideias, mudou suas realidades locais (Coinvest10 – Recorte Fórum Wespot)

Os jovens (CE) saíram da zona de pobreza e foram atrás de outras especializações e aprofundamento dos seus estudos (Coinvest10 – Recorte Fórum Wespot)

De salientar que o impacto do projeto *The Face site* somente pode ser constatado devido ao conhecimento ter sido distribuído na Rede, com os jovens autores a promover a sua continuidade e a manter um desejo de mudança na equipa para continuar o sonho de montar um negócio, o que evidencia as transformações positivas provocadas pelo projeto.

Esses excertos ressaltam a natureza de como as capacidades empreendedoras dos jovens foram mobilizadas por meio de métodos que envolveram o uso do local para global, e vice-versa, com isso também puderam interagir melhor sobre os problemas locais.

A abordagem desenvolvida no projeto reforça-se no conceito de Heinonen e Akola (2007) que a aprendizagem empreendedora é um processo dinâmico, sendo possível com o desenvolvimento de competências, o poder de transformar a experiência e o conhecimento em resultados aprendidos e funcionais.

Também se reforça nos estudos do conectivismo de Siemens (2006) ao definir a aprendizagem de forma ativa, que acontece no momento em que adquirimos o conhecimento que nos faltava para completarmos uma tarefa necessária ou resolvermos um problema. A noção da aprendizagem como ecologia (idem) ajuda-nos a configurar as comunidades do Projeto que atuaram de forma efetiva, reforçando o conceito de rede que apela à necessidade de trazer para a experiência da aprendizagem elementos que permitam ir além da sala de aula, do curso, de a integrar com a vida real.

E reforça-se, também, ao dialogarmos com as palavras de Freire (2000), para compreendemos, na execução das competências para compreender, o real sentido do aprender em comunhão, que muitos pesquisadores da cibercultura tanto valorizam (Santos, 2014). No desenvolver do nosso estudo, as tecnologias colocaram-nos disponíveis para aprender juntos, em qualquer lugar e em qualquer tempo, num processo de comunicação ubíqua pela partilha de ações com coaprendizes e coinvestigadores de diversos lugares (como Brasil, Portugal e Inglaterra). Tal significa que poderemos agregar a teoria freiriana aos estudos das TIC, ou seja: “ninguém educa ninguém, mas ninguém, tampouco, se educa sozinho: o ser humano se educa em comunhão, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 39).

Assim, a ubiquidade foi outro aspecto que também devemos destacar sobre a Rede Ciber cultural, conforme encontramos nos excertos:

A complexidade das situações obrigam-nos a trabalhar em rede até porque, um empreendedor bem o sabe, não somos possuidores de todos os conhecimentos, apenas é necessário saber procurar onde podemos encontrar os saberes que não possuímos e coloca-los ao nosso dispor.(Coinvest03 – Recorte Fórum Wespot)

As relações que cada um estabelece com os outros, construindo o sentimento do "nós". Na Sociedade Digital (cibercultura) muitas dessas relações passam, e são reforçadas, por meio das tecnologias que configuram a galáxia internet. As relações offline e online complementam-se. Por isso, a Comunidade não tem só uma dimensão geográfica local (o nosso bairro), mas passou a incorporar outras geografias, de interesses, desejos, emoções. Ganhou uma geografia variável, de múltiplos espaços. (Coinvest06 – Recorte Fórum Wespot)

Ao depararmos com os trabalhos de Siemens (2006), Santaella (2013) e Silva (2014) podemos dizer que essa nova ecologia comunicacional suporta novas aprendizagens, em que comunidades de interesses se sobrepõem e criam juntas a natureza da prática colaborativa. Ao somarmos ao empreender configuramos o coempreender, num ato de colaboração e compartilhamento de práticas, saberes e experiências. Os estudos de Senge (2007) e Senge, Brown, e Rheingold (2008) valorizam a poder da Rede na educação para o empreendedorismo. Mas entendemos que este caminho de colaboração em rede somente pode ser construído com verdade, honestidade e transparência que vai gerar uma boa reputação na rede e consequentemente a sua ampliação, conforme podemos constar no depoimento, a seguir:

porque a rede dá-nos respostas que um trabalho solitário não dá, logo, diminuimos a probabilidade de erro, ficamos mais eficazes na nossa ação (Coinvest04 – Recorte Fórum Wespot)

Considerações Finais

Os resultados deste estudo mostram que a cultura colaborativa, entre coaprendizes e coinvestidores, desde o processo de idealização dos projetos até à discussão final no fórum e na webconferência, mobilizou uma inter-relação entre as TIC e o Empreendedorismo, consubstanciada no trabalho em rede, permitindo construir olhares conceituais sobre o Coempreender.

O debate gerado sobre as convergências e as divergências do uso das TIC como práticas sociais foi uma abordagem que rompeu com a simples reprodução e com o consumo em massa, pois nestes contextos os jovens puderam atuar em e com a rede como criadores de oportunidades, por meio de ações que colaboraram e cooperaram para o benefício de suas comunidades. Os alunos, participantes do projeto, perceberam a importância do empreender em rede, mesmo que não tenham pensado em como vender o potencial das suas ideias (sustentabilidade do negócio). Isso nos remete a Lévy (2000b) quando afirma que o potencial está na inteligência mobilizado do grupo e é isso que irá gerar riqueza pois as pessoas podem cooperar com o pouco que cada um possui. Duarte e colaboradores (2011) também nos ajudam a clarificar esse sentido para percebermos o espírito da colaboração (crowdsourcing, crowdfunding). O projeto mobilizou grandes ideias sobre a educação para o empreendedorismo, conforme foi expresso num depoimento:

Seria interessante criar uma rede de escolas empreendedoras para partilha de experiências e discutir a importância da integração das TIC para enfrentar os desafios de uma sociedade globalizada e em permanente mutação. É pois a hora de promover uma cultura digital nas escolas do país. (Recorte Entrevista - Coinvest01PT)

A cada passo que compartilhávamos uma ideia na rede foi possível aprimorar, a importância esteve no processo de amplificarmos os nossos conhecimento, afinal, os processos do Coempreender se constituíram com a construção do conhecimento na Rede.

Concluindo, entendemos que a pedagogia da participação e a mediação colaborativa, valorizadas na proposta pedagógica do projeto “Agentes Digitais”, promoveram um novo olhar sobre as possibilidades de desenvolver práticas sociais com as TIC. Com a aplicação desta metodologia pedagógica e investigativa estivemos diante de um novo paradigma educacional com vista a fomentar o desenvolvimento de competências para coempreender.

Referências

Bardin, L. (2014). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70 (edição revista e atualizada).

- Bartolomé, A. (2005). Sociedad de la información y cambio educativo. In Paulo Dias & Varela de Freitas (cords.), *Actas do IV Congresso Internacional de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação, Challenges 2005*. Braga: Centro de Competência da Universidade do Minho, pp. 17-41.
- Bauman, Z. (2007). *Los retos de la educación en la modernidade líquida*. Barcelona: Gedisa.
- Bauman, Z. (2011). *44 cartas do mundo líquido moderno*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Cope, B. & Kalantzis, M. (2009). Multiliteracies New Literacies, New Learning. *Pedagogies: An International Journal*, Vol.4, 2009, pp.164-195. Disponível em: <http://www.tandfonline.com/toc/hped20/4/3#.VBXB1XJ0zGg>. Acesso em 20 julho 2012.
- Costa, F. A. (coord.), Rodrigues, C., Cruz, E., & Fradão, S. (2012). *Repensar asTIC na Educação. O Professor como Agente Transformador*. Lisboa: Santillana. Lisboa.
- Dias, P., & Osório, A. J. (2011). Introdução. In Dias, P. & Osório, A. J. (Eds.), *Aprendizagem (in)Formal na Web Social*. Braga: Centro de Competência TIC da Universidade do Minho, pp. 5–9.
- Dias, P. (2013). Aprendizagem colaborativa e comunidades de inovação. In Almeida. M. E., Dias, P. & Silva, B. (orgs.) (2013). *Cenários para a inovação para a educação na Sociedade Digital*. São Paulo: Editora Loyola, pp. 13-20.
- Dolabela, F. (2003). *Pedagogia Empreendedora*. São Paulo: Editora de Cultura.
- Drayton, W. (2006). Everyone a Changemaker: Social Entrepreneurship's Ultimate Goal. *Winter 2006*, Vol. 1, No. 1, pp. 80-96
- Esteves, M. (2006). Análise de Conteúdo. In Lima, J., & Pacheco, J. (orgs.). *Fazer Investigação: Contributos para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora, pp. 105-126.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2001). *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: UNESP.
- Heinonen, J. & Akola, E. (2007). ENTLEARN Best Practice Guide for Educadors and Policy-markers. ENTLEARN project team, TSE Entre, Turku School of Economics. Filand. Disponível em: http://www.entredu.com/tiedostot/best_practice_report.pdf. Acesso em 10 dezembro 2012.
- Landry, C. (2005). *Creativity and the City: Thinking Through the Steps*. Disponível em: <http://www.charleslandry.com/index.php?l=articles>. Acesso em 10 outubro 2013
- Lévy, P. (2000a). *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Lévy, P. (2000b). *Filosofia Word: o mercado, o ciberespaço, a consciência*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lima, L. (2012). *Aprender a Ganhar, Conhecer para Competir. Sobre a subordinação da educação na "sociedade da aprendizagem"*. São Paulo: Cortez.
- Ogle, R. (2007). *Smart World: Breakthrough Creativity And the New Science of Ideas*. Boston: Harvard Business Scholl Press.
- Okada, A. (2013). Ambientes Emergentes para coaprender e coinvestigar em rede. In *VIII Internacional Conference of ICT in Education - Challenges 2013*. Braga: Centro de Competência TIC da Universidade do Minho. Disponível em: <http://oer.kmi.open.ac.uk/wpcontent/uploads/2013/07/OKADACHallenges2013JUL.pdf>. Acesso em 2 janeiro 2014.
- Okada, A., Serra, A., Barros, D., Ribeiro, S., & Pinto, S. (2014). Competências-clave para coaprender y coinvestigar en la era digital en entornos abiertos y massivos. In Okada, A. (Ed.), *Recursos Educacionais Abertos & Redes Sociais*. EdUEMA, pp. 177-204.
- Prensky, M. (2010). *Teaching digital natives: partnering for real learning*. Londres: Sage.
- Santaella, L. (2010). *A ecologia pluralista da comunicação. Conectividade, mobilidade, ubiquidade*. São Paulo: Paulus.
- Santaella, L. (2013). *Comunicação ubíqua. Repercussões na cultura e na educação*. São Paulo: Paulus.
- Santos, E. (2014). *Pesquisa-Formação na Cibercultura*. Santo Tirso: Whitebooks.
- Sarkar, S. (2014). *Empreendedorismo e Inovação*. Lisboa: Escolar Editora.
- Senges, M., Brown, J. & Rheingold, H. (2008). Entrepreneurial learning in the networked age. How new learning environments foster entrepreneurship and innovation. *Paradigms 1*, December 2008, pp. 125-140. Disponível em: http://www.gencat.cat/diue/doc/doc_52863486_3.pdf. Acesso em 10 março 2014.
- Senges, M. (2007). *Knowledge Entrepreneurship in Universities: Practice and Strategy in the case of Internet Based Innovation Appropriation*. Barcelona: Universidade Oberta de Catalunya. Tese Phd Programme on the Information and Knowledge Society. Disponível em: https://docs.google.com/file/d/0B-ybA8_Lt-gwZDFwSjFqRG5SbU0/edit. Acesso em 3 outubro 2013.

- Siemens, G. (2006). Connectivism: A Learning Theory for the Digital Age. In *International Journal of Instructional Technology and Distance Learning*, vol. 2, nº 1, pp. 3-10. Disponível em <http://www.elearnspace.org/Articles/connectivism.htm>. Acesso em 10 setembro 2011.
- Silva, B. (2005). Ecologias da Comunicação e Contextos Educacionais. *Revista Educação & Cultura Contemporânea*, vol. 2, nº 3, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, pp. 31-51. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1822/17229>.
- Silva, B. (2014). Cenários Educativos de Inovação na Sociedade Digital: com as tecnologias o que pode mudar na escola? In Ferreira, A. C. (org.). *Nas Pegadas das Reformas Educativas: Conferências do I Colóquio cabo-verdiano realizado no Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Cabo Verde*. Praia: Universidade de Cabo Verde, pp. 38-55.
- Singer, P. (2008). *Introdução a Economia Solidária*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- Souza, K. & Silva, B. (2013). Nativos digitais: atreve-te a empreender. In Ferreira, A., Domingos, A., Spínola, C. (2013). *Nas pegadas das Reformas Educativas, Atas do I Colóquio Cabo-Verdiano de Educação*. Praia: Universidade de Cabo Verde, pp. 435-447
- Souza, K., Moura, A. & Silva, B. (2013). Desenvolvimento de Inovações Pedagógicas para o Currículo de Empreendedorismo Digital em Portugal. In Gomes, M. J., Osório, A., Silva, B. & Ramos, A. & Valente, L. (2013) (orgs). *Atas da VII Conferência Internacional Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação - Challenges 2013: Aprender a qualquer hora e em qualquer lugar*. Braga: Centro de Competência TIC da Universidade do Minho, pp. 669-714
- Souza, K.; Okada, A. & Silva, B. (2014). COMPETENCES FOR CO-ENTREPRENEURSHIP: contribution to the understanding of the concept for Entrepreneurial education. In *International Congress on Education, Innovation and Learning Technologies*. Barcelona, pp. 134-146.
- Valente, J. (2013). As tecnologias e as verdadeiras inovações na educação. In Almeida, M^a. E., Dias, P. & Silva, B. *Cenários de inovação para a educação na sociedade digital*. São Paulo: Editora Loyola, pp.35-46.